

Os contadores da história do DF

Como a maioria das regiões administrativas não possui livros didáticos referentes às suas origens, pioneiros e professores se encarregam de manter viva a memória de cada cidade

» RODOLFO BORGES

Será publicado até fevereiro o primeiro livro didático sobre a história e a cultura do Recanto das Emas. Graças aos esforços de uma professora de história e de uma turma de mais de 20 estudantes, os alunos da região administrativa criada em julho de 1993 terão a oportunidade de saber como a comunidade onde vivem surgiu e de pensar disciplinas como sociologia e filosofia a partir da realidade deles, algo que a maioria dos alunos do ensino público do Distrito Federal não tem. As orientações pedagógicas da Secretaria de Educação do Distrito Federal preveem o ensino da história do DF e das comunidades onde ficam as escolas, mas a falta de material didático sobre as particularidades de cada área relega a iniciativas pontuais de

professores o ensino sobre a localidade onde nasceram e moram os estudantes.

Foi a falta de informações e referências sobre o Recanto das Emas que levou a professora de história Cristiane de Assis Portela a pensar em elaborar um material somente sobre a cidade. "Quando iam trabalhar a história local, os alunos estudavam Brasília, um lugar aonde muitos nunca tinham ido", conta a professora, que coordena o projeto **Repensando o Recanto** desde 2006. Mais de 20 alunos pesquisaram documentos e gravaram entrevistas com pioneiros da região, por meio dos quais descobriram a **origem** do nome do Recanto das Emas e que já havia moradores por lá antes que a região administrativa fosse criada oficialmente. Eles ali se instalaram em um programa de assentamento do

Governo do DF.

Atualmente, 11 estudantes finalizam, com o incentivo de bolsas de iniciação científica júnior, um livro didático para alunos do ensino médio e um documentário que tem como meta desmistificar a impressão de que o Recanto das Emas se resume a uma região onde reina a criminalidade. "Descobrimos que o Recanto é uma região de protagonismo juvenil. Os jovens compõem o grupo mais politizado por aqui", diz a aluna Dayse Santos de Almeida, 17 anos, que cursa, como o restante dos pesquisadores, o 3º ano do Centro de Ensino Médio (CEM) 111 do Recanto das Emas e lembra que o skate park da cidade é resultado da mobilização da juventude local.

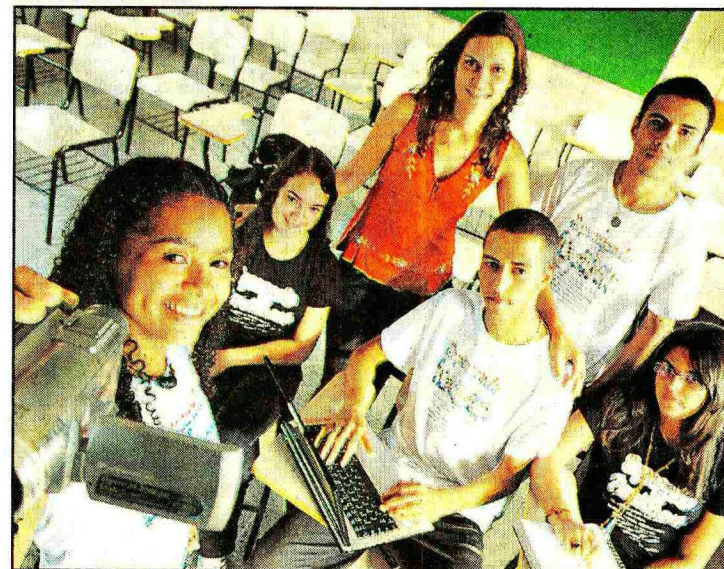
Curriculo

Nem todos os estudantes têm a sorte de encontrar professores

interessados pela história e pelas peculiaridades da região onde seus alunos vivem. "Todos os alunos da 3ª série estudam a história do DF; está previsto no currículo. Além disso, trabalhamos o tema ao estudar a Região Centro-Oeste e a Missão Cruls, por exemplo", comenta Roselene Menezes Lima, chefe do Núcleo de Monitoramento Pedagógico (NMP) da Diretoria Regional de Ensino (DRE) de Brazlândia. Não há, contudo, material pedagógico voltado para a história de Brazlândia, assim como a de Sobradinho, a de São Sebastião ou a de Samambaia, entre outras localidades.

"Cabe ao professor fazer essa consulta extra. Não temos nada falando especificamente da região administrativa", conta Daniela Verano, chefe do NMP da DRE do Núcleo Bandeirante, que engloba os centros de ensino de Candangolândia, Riacho Fundo I

Bruno Peres/CB/D.A Press



Cristiane Portela (de vermelho) envolveu os estudantes no projeto Repensando o Recanto, que resultará em livro e em documentário

e II, Park Way e Jardim Botânico. São raras as exceções à ausência de material didático, como Núcleo Bandeirante, cuja história está intrinsecamente ligada ao **surgimento de Brasília**, e Planaltina, que existia 100 anos antes do DF.

Aniversário

De forma geral, os estudantes do DF só mantêm contato com a história do local onde vivem uma vez por ano, no aniversário da região, quando as administrações promovem concursos de redação sobre o tema, entre outros eventos do gênero. Mas são poucos os alunos que têm a possibilidade de entrar em contato com gente que participou da história de suas regiões, como os professores Manoel Jevan, que montou um museu sobre Ceilândia na própria casa, e Maria de Lourdes Pereira dos Santos, que faz questão

de contar a história do Paranoá com detalhes para os alunos do Centro de Atenção Integral à Criança (Caic) Santa Paulina.

Moradora do Paranoá desde os 16 anos, a professora (hoje com 54) participou das lutas por água e pela fixação dos habitantes da então Vila Paranoá. "Todo ano levo uma turma para dar uma volta no Parque Vivencial, onde ainda é possível ver os resquícios das primeiras escola e igreja do Paranoá", conta Maria de Lourdes, que, com o professor Valdir de Castro, conseguiu envolver toda a escola no projeto. "Naquela época, quase não tinha carro e as crianças brincavam na rua. As pessoas pegavam água do chafariz e do lago", ensina a aluna Tássila Ramos, 8, que, a exemplo dos colegas, ainda guarda os cartões telefônicos referentes à história do Paranoá que ganhou na visita do ano passado ao parque.

Pesquisa

Os alunos aplicaram 69 questionários e fizeram dezenas de entrevistas com moradores e pioneiros da cidade, num total de quase seis horas de gravação. O trabalho, que recebeu apoio da Universidade de Brasília (UnB), foi apresentado na semana de extensão da instituição federal. Repensando o Recanto faz parte do currículo do CEM 111 desde o ano passado.

Canela-de-ema

Antes de virar região administrativa, a área hoje ocupada pelo Recanto das Emas era conhecida apenas por Setor de Chácaras. Entre as chácaras, havia um sítio chamado Recanto. Segundo a pesquisa dos alunos, como a região era repleta do arbusto canela-de-ema, os dois nomes se uniram para compor o da cidade onde moram atualmente 150 mil pessoas.

Pioneiros

O Núcleo Bandeirante era a morada dos operários que vieram ao Planalto Central erguer a nova capital. A área estava destinada a uso comercial — tanto que os lotes foram concedidos aos moradores em sistema de comodato —, mas, ao saberem que teriam de ir embora, os moradores reivindicaram e conseguiram a fixação.